

III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH) E MÍDIA: UMA REVISÃO DESSA RELAÇÃO NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

Eloisa Machado (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá; Adriana de Fátima Franco (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá).

contato: eloisamachado@hotmail.com

Palavras-chave: TDAH. Medicalização infantil. Metilfenidato.

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é um assunto que vem sendo abordado com elevada frequência pela comunidade científica e pelo senso comum. Em sua maioria, as abordagens sobre o TDAH apontam que a sua origem é de caráter neurológica, natural, individual e orgânica, ou seja, está presente no indivíduo desde o seu nascimento e a única maneira de reverter o fenômeno é fazendo o uso de medicamentos psicoestimulantes, como o Metilfenidato. Ele tem a capacidade de ativar o nível de atividade, excitação ou alerta no sistema nervoso central, bloqueando a recaptção de um neurotransmissor chamado dopamina durante as transmissões sinápticas, e com mais dopamina no córtex, os sintomas de impulsividade e hiperatividade ficam reduzidos, permitindo que o indivíduo controle seu comportamento e, conseqüentemente, "dirija" sua atenção (CONNOR, 2008). Nessa visão hegemônica do transtorno, a definição mais difundida para o TDAH é a encontrada no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV), e segundo ele, o transtorno "consiste num padrão persistente de desatenção e/ou hiperatividade-impulsividade, mais frequente e grave do que aquele tipicamente observado nos indivíduos em nível equivalente de desenvolvimento" (DSM-IV-TR, 2003, p. 112). Entretanto, cabe um questionamento sobre a proposta apresentada pelo manual para o diagnóstico do TDAH. Ele traz uma série de questões que, em geral, suscitam respostas subjetivas e bastante genéricas, e, assim, dá abertura a diagnósticos superficiais, já que, segundo ele, o tratamento recomendado é eminentemente clínico.

Segundo Eidt e Ferracioli (2007), não há um consenso entre pesquisadores e especialistas sobre a existência do transtorno; nem todos acreditam que comportamentos desatentos e impulsivos sejam consequência de uma desordem orgânica, e mesmo perante as discordâncias, pesquisas mostram o crescimento desenfreado de diagnósticos e medicamentos para tratá-los. De acordo com dados fornecidos pela "IMS-PMB", uma publicação que

III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

contabiliza dados do mercado farmacêutico mundial, em apenas quatro anos a venda dos medicamentos para crianças diagnosticadas como portadoras de TDAH aumentou 940% (FOLHA DE SÃO PAULO, 15/01/06). De acordo com Segatto, Padilha e Frutuoso (2006), a venda de Ritalina triplicou nos últimos cinco anos: em 2002, eram 356.925 caixas; em 2003, 547.779; em 2004, 701.303, em 2005, 886.958 e no ano de 2006 foram vendidas 1.042.480 caixas. O Brasil é o segundo maior consumidor mundial de metilfenidato (ORTEGA et al., 2010). O uso desenfreado desse tipo de medicamento em crianças é denominada Medicalização Infantil.

Na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, que norteará este estudo, fazer uso dessa medicação é reduzir as problemáticas sócio-políticas a questões individuais, visto que os diagnósticos baseados na visão biologizante do desenvolvimento do psiquismo humano não consideram as vivências da criança, e o meio ao qual ela está inserida. Essa vertente da psicologia apresenta que o psiquismo humano se desenvolve nas relações com outros homens. Ela parte da premissa de que “cada indivíduo humano aprende a ser homem. O que a natureza lhe dá não basta para viver em sociedade.” (LEONTIEV, 1978, p. 267). Para Vigotski, um dos precursores dessa teoria, a relação com o adulto é indispensável no processo de humanização da criança. Essa relação não se estabelece diretamente, mas é mediada por signos ou instrumentos psicológicos que modificam globalmente a evolução e a estrutura das funções psíquicas, do mesmo modo que o instrumento técnico modifica o processo de adaptação natural e determina a forma das operações laborais. (VIGOTSKI, 1999, p. 94 *apud* EIDT; TULESKI, 2010, p. 132). É ao longo essa humanização que o indivíduo superará as funções psicológicas elementares, que são biológicas, tem funcionamento inato e estão presentes desde seu nascimento, e gradativamente desenvolverá as funções psicológicas superiores (das quais fazem parte a atenção e o controle voluntário do comportamento), que não são processos orgânicos, e dependem fundamentalmente da apropriação dos signos da cultura para se desenvolver. Percebe-se até aqui que as funções psicológicas superiores são constituídas ao longo do processo de desenvolvimento da criança, e assim sendo, os problemas de desatenção e impulsividade estão vinculados a qualidade das mediações, signos e instrumentos culturais que a criança teve acesso. Esses comportamentos se desenvolvem devido à desregulação da conduta da criança em seu processo de desenvolvimento por parte daqueles que a educam, tanto na escola, quanto em casa, e não por causa de problemas

III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

orgânicos, individuais, que os sujeitos trazem consigo em sua genética (LEITE; TULESKI, 2011).

Nesta direção, portanto, o TDAH se explica pela apropriação parcial da atividade depositada nas produções humanas, materiais e intelectuais, e não é considerado um fenômeno natural, individual e orgânico, no qual os pais e educadores ficariam de mãos atadas, sem poder intervir. A única maneira de combater a medicalização, de transferir a discussão do TDAH da esfera clínica para a escolar é capacitar profissionais da educação (EIDT; TULESKI, 2010). Leontiev (1978) expressa a importância da aquisição da leitura, escrita, cálculo e dos fundamentos das ciências pela criança, na medida em que tais processos permitem a apropriação de uma vasta experiência humano-social. Assim entende-se que ao professor cabe a função de mediação entre o conhecimento já existente e os alunos, sendo que os conteúdos trabalhados por ele no processo educativo criam, individualmente, nos aprendizes, novas estruturas mentais, decorrentes dos avanços qualitativos no desenvolvimento de cada criança. Tendo em vista a ação da Psicologia Histórico-Cultural contra a prática da medicalização infantil, justifica-se tal pesquisa pela tentativa de elucidar a comunidade acadêmica e científica, por meio de informações sistemáticas, qual é o quadro apresentado pela mídia impressa sobre o TDAH e de que maneira essas publicações podem influenciar a grande população. Poderá também contribuir com o acréscimo de elementos estimados aos trabalhos que envolvem essa temática e gerar subsídios a novos estudos no campo da Educação e da Psicologia Histórico-Cultural. Além disso, os resultados deste estudo podem ser pertinentes as outras áreas que estão atreladas ao TDAH e à medicalização, tais como medicina e farmácia, visto que ambas têm grande autoridade no diagnóstico do transtorno e na propagação dos medicamentos para tratá-lo.

Considerando o exposto, o que este estudo anseia é investigar se as reportagens sobre TDAH nas revistas de grande circulação instigam o uso abusivo de metilfenidato em crianças, e, para tanto, será realizada uma revisão bibliográfica dos últimos cinco anos, de reportagens que abordam o TDAH nas revistas *Veja* e *Galileu*. Assim, por meio de levantamentos de fontes e referências sobre autores considerados proeminentes na temática explorada - Vigotski, Luria e Leontiev -, será realizada uma análise do material de divulgação que será compilado.

III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

Referências

SEGATTO, C.; PADILHA, I.; FRUTUOSO, S. Remédios demais? **Revista Época**, São Paulo, n. 446, p. 108-115, 4 dez. 2006.

ORTEGA, F. et al. A Ritalina no Brasil: produções, discursos e práticas. **Interface**, Botucatu, v. 14, n. 34, p. 499-512, Jul./Set. 2010.

CONNOR, D. F. Estimulantes. In: BARKLEY, R. A. (Org.). **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade: manual para diagnóstico e tratamento**. Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 620-659.

DSM IV-TR. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

EIDT, N. M.; FERRACIOLI, M. U. O ensino escolar e o desenvolvimento da atenção e da vontade: superando a concepção organicista do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). In: ARCE, Alessandra; MARTINS, Lígia Márcia (Org.). **Quem tem medo de ensinar na Educação Infantil? Em defesa do ato de ensinar**. Campinas: Átomo e Alínea, 2007. p. 93-124.

EIDT, N. M.; TULESKI, S. C. Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade e a psicologia histórico-cultural. **Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas. Impresso)**, v. 40, p. 121-146, 2010.

LEITE, H. A.; TULESKI, S. C. Psicologia Histórico-Cultural e desenvolvimento da atenção voluntária: novo entendimento para o TDAH. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v.15, n.1, p. 111-119, 2011.

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

TÓFOLI, D. País vive febre da droga da obediência. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 15 jan. 2006.